

bulunga

janeiro de 2024 - número 25



NUNCA ANTES VISTO: UMA ENTREVISTA COM UM

PÊNIS

EDITORIAL

Está na cara que esta revista não é escrita por programas de Inteligência Artificial. **Fica relativamente fácil perceber, pois o nosso conteúdo não é nada inteligente.** Falando sério: se fôssemos mais espertos, não estaríamos escrevendo uma revista nos moldes antigos, endereçada a velhos saudosistas, apesar de ser uma revista com recursos de tecnologia, mas seria muito mais lucrativo, como frequentemente dizemos, dedicarmos nosso precioso tempo de aposentados na produção de vídeos idiotas com duração de 5 a 10 segundos para jogarmos na internet, e assim viraríamos celebridades e ficaríamos ricos em pouco tempo, mas somos tão antiquados que só sabemos escrever coisas como as que vocês encontram em nossas páginas.

Além disso, se fosse feita com recursos da Inteligência Artificial, não teria tantos erros de português, e os temas não seriam tão estúpidos quantos os que abordamos. **Imaginem, entrevistar um pênis, só porque não conseguimos um convidado de gabarito para este mês.** Os demais entrevistados reais que já figuraram nas capas desta revista só aceitaram fazer isso por pena desses velhos gagás que insistem em tentar repetir o sucesso de publicações como “A Carapuça”, “O Pasquim”, “Planeta Diário” e “Casseta Popular”. Grande ilusão!

Assim, só nos resta lançar a 25ª edição, e esperar que, de um dia para outro, possamos ser reconhecidos. Não postumamente, se for possível.

SINAL DE ALERTA

Algo preocupante está para acontecer no planeta, e um dos sintomas mais perceptíveis é que os filmes “Barbie” e “Super Mário Bros” alcançaram as maiores bilheterias mundiais do ano 2023, e no Brasil, o “Big Brother” entra em sua 24ª edição, o que nos faz refletir sobre o terrível futuro da humanidade.

Alguns defendem que os dois filmes fazem uma crítica à sociedade moderna, mas se isso fosse verdade, não teríamos milhares de idiotas se vestindo com as roupas de seus personagens, além de consumirem a extensa linha de produtos comercializados pelas franquias, pois o efeito teria sido exatamente o contrário.

E o que dizer do programa Big Brother, no Brasil, que já dura 22 anos, lembrando o primeiro, em que o “gênio” Kleber Bambam conseguiu levar o prêmio, ao fingir que conversava com uma boneca improvisada com sucatas, batizada “Maria Eugênia”, imitando descaradamente o que Tom Hanks havia feito, dois anos antes, no filme “O Náufrago”, com sua bola de vôlei da marca Wilson.

Esses espectadores não estão atentos às transformações do mundo, à possibilidade de uma nova Guerra Mundial, ao tráfico de órgãos humanos e de crianças para utilização sexual. Nada sabem sobre o lobby da indústria farmacêutica que faturou bilhões com vacinas inúteis e placebos em cima da pandemia.

Não se assombrem com o ressurgimento do comunismo em países subdesenvolvidos, havendo de fazê-los ainda mais miseráveis. Pouco se importam com o fato de que os carros elétricos podem destruir a natureza de forma mais rápida e feroz do que os modelos à combustão, em razão da extração do lítio, além da utilização, em muitos países, da energia gerada pelo carvão para recarregarem esses veículos nos postos de abastecimento.

A imbecilidade há de tomar conta de tudo? Teremos um mundo cor de rosa, ou seremos obrigados a transpor obstáculos imaginários, em troca de pontuações, ao som de uma música irritante, ou viveremos em um mundo eternamente experimental, vigiados por câmeras, obrigados a conversar com seres toscos e inanimados, diante da frieza humana e do abandono das grandes cidades? A resposta há de ser positiva.

Um PÊNIS

Temos o prazer quase sexual de entrevistar um personagem polêmico, um verdadeiro mito, aquele que já foi o maior símbolo da virilidade masculina, até que os homens resolveram se desfazer dos seus e as mulheres começaram a reivindicar o direito de implantá-los em seus corpos, e aí virou uma confusão danada, que só um exame de DNA poderá determinar quem é o quê. Mas não se prendam a preconceitos, pois ele é um cara que vai direto ao ponto, rompendo as barreiras, se é que me entendem, e assim poderão tirar proveito de suas lições acerca das relações humanas em tempos de crise relacional, mas, afinal, tudo está muito confuso neste mundo que parece dar mostras de esgotamento. Já que é assim, enquanto não acabar, vamos descer o bambu e curtir esta entrevista.

BULUNGA – Espero que possamos manter uma distância segura até o final da entrevista...

PÊNIS – Você tem medo de que não possa resistir aos meus encantos?

BULUNGA – Já tenho o meu companheiro aqui e me dou muito bem com ele: não preciso de um órgão “sobressalente”.

PÊNIS – Por acaso é uma “relação solitária”, melhor dizendo, onanista?

BULUNGA – Certamente que não. Curtimos uma farra juntos, sempre em companhia exclusivamente feminina. Somos confidentes. Só rola “papo-cabeça”.

PÊNIS – Quando você se olha no espelho da academia, não tem vontade de se pegar?

BULUNGA – Quando estou na academia, nem me olho no espelho. Para falar a verdade, nem frequento academias. Culto ao corpo nunca foi a minha praia. Mas, para seu conhecimento, o entrevistador aqui sou eu...

PÊNIS – Você está certo. Estava apenas querendo “encher o saco”, se é que posso dizer assim...

BULUNGA – Tranquilo... podemos começar a

entrevista?

PÊNIS – Pensei que já havíamos começado...

BULUNGA – Primeira pergunta: você é ligado a uma pessoa... um homem, salvo engano...

PÊNIS – Nasci junto com ele. Mas, como disse, pouco antes, nem sempre é assim que acontece. Alguns são unidos artificialmente, por meio de implantes, você bem sabe.

BULUNGA – Sei muito bem. Por isso, perguntei. Hoje em dia, é preciso pedir a carteira de identidade quando vai se aventurar na noite.

PÊNIS – Mas nem sempre funciona... o sujeito pode ir ao cartório, dizer que quer mudar de gênero, eles vão cobrar uma taxa, ele paga e está pronto: consegue mudar tudo, sem precisar se submeter a qualquer operação. Conheço um monte de caras que estão virando Audrey, Sthefany, Sheila, Morgana. E vice-versa.

BULUNGA – Que bagunça!

PÊNIS – Não pode falar assim: pode ser preso por intolerância.

BULUNGA – Ah, deixa pra lá. Isso nem me interessa. Mas fale-me de você, e de sua

relação com o seu hospedeiro. Vocês se dão bem?

PÊNIS – Somos como siameses... Vivemos uma relação de simbiose. Mas tenho que confiar nas escolhas do meu “condutor”, pois sou cego e não tenho olfato.

BULUNGA – Então quer dizer que se ele errar o alvo...

PÊNIS – Já era...

BULUNGA – E já aconteceu?

PÊNIS – Não posso dizer. Questões de foro íntimo.

BULUNGA – Tudo bem, eu entendo. E como você encara tudo isso?

PÊNIS – Quando jovem, era muito inseguro com relação às minhas atitudes. Não sabia se entrava, se saía, se entrava, se saía, e isso era todo dia, várias vezes ao dia. Depois fui me resolvendo, e agora só acontece só uma vez ou outra.

BULUNGA – Isto é dramático!

PÊNIS – Dramático? Estou bem mais satisfeito desse jeito, mais quieto, mais centrado, mais acomodado.

BULUNGA – Mas você tem fama ser grosso...

PÊNIS – Que nada! Sou um gentleman.

BULUNGA – Como você estava dizendo, com esses avanços da medicina, você pode ser transplantado para outros homens e até para mulheres, você vê alguma vantagem nesses procedimentos?

PÊNIS – Acho tudo isso muito estranho. Eu preferiria ficar quietinho no meu canto, encolhido, dormindo em cima das minhas “almofadas”, mas esses médicos ficam arranjando confusão por causa dos altos

lucros que envolvem essas operações. Imagine que você hoje pode estar associado a um africano, e amanhã vai acabar entre as pernas de um japonês.

BULUNGA – E por falar em japonês, no Japão vocês são cultuados como uma espécie de divindade, e eles tem até festas anuais, com estátuas gigantes sendo levadas pelas ruas, como se fosse um carnaval. Logo eles, que possuem umas coisinhas tão insignificantes.

PÊNIS – Agora você entende por que eles comem com os pauzinhos...

BULUNGA – Faz sentido! E você gosta dos apelidos que lhe dão?

PÊNIS – Não ligo. Alguns são meio estranhos, mas levo tudo na brincadeira. Só acho meio brega ficarem dando nomes de pessoas para nós, tipo “Bráulio”, “Ricardão”, “Astolfo”...

BULUNGA – Nunca vi ninguém chamar o seu instrumento de “Astolfo”...

PÊNIS – Pode acreditar, mas é muito comum.

BULUNGA – E o que você acha do uso da camisinha?

PÊNIS – Particularmente, não gosto, porque é muito sufocante. Mas do jeito que andam as coisas, com essa promiscuidade toda, é preciso usar. Nem falo com relação a problemas relacionados à gravidez, pois é raro ver alguém se relacionando com o sexo oposto. Falo é por causa das doenças mesmo.

BULUNGA – Existe muita fantasia com relação às suas dimensões. Qual é o tamanho real da sua espécie?

PÊNIS – Varia muito. Os homens geralmente mentem, atribuindo entre 3 e 5 centímetros a mais do que realmente temos. Mas existem uns maiores, outros menores, uns

mais gordos, outros mais magros, e isso independente da altura de seus donos. Nos tempos da escola, os meninos chegavam a cortar o pedaço inicial de suas réguas só para se exibirem para os colegas, pois estes só observavam a marcação final e não percebiam que aquela régua não começava do zero. Teve um que abusou da trapaça e chegou a cortar dez centímetros, mas os meninos perceberam, porque o bilíbio dele era muito pequeno e estava marcando 17 centímetros.

BULUNGA – Existe alguma raça que podemos dizer que seja mais avantajada?

PÊNIS – Você pode não acreditar, mas os anões, geralmente, são os mais bem dotados. Certa vez vi um anão que vinha caminhando em minha direção, mancando visivelmente. Ele estava saindo da casa da namorada e perguntei a ele se havia torcido o pé. E ele disse que havia perdido a perna em uma mina terrestre. Mas o que seria, então, aquilo em que estava se apoiando? Com certeza, não era uma muleta. Entendeu?

BULUNGA – É claro que entendi a piada, mas não sei se o leitor vai entender. Melhor cortar.

PÊNIS – Vai censurar? Cara, você é cheio das frescurinhas...

BULUNGA – Não é isso: é que a Revista Bulunga é direcionada a pessoas de nível intelectual mais alto.

PÊNIS – Imagino!

BULUNGA – Notei um toque de ironia nesse seu comentário...

PÊNIS – Longe disso... sou um cara sério... mas gozador.

BULUNGA – Sei muito bem... Mas vamos voltar à questão das medidas. A ideia que se tinha era que os africanos eram os maiores...

PÊNIS – Pura ilusão: já vi africano que tinha uma verruguinha minúscula. Além do mais, a anatomia da mulher se adapta facilmente às nossas dimensões. Só não pode ser exageradamente pequeno, pois aí não tem jeito. Sabe que existem pênis de um centímetro? São os chamados “micropênis”. Não servem para nada. Pode jogar fora. Mas o que importa mesmo para as mulheres é o saldo da sua conta corrente.

BULUNGA – Essa piada é velha e extremamente machista.

PÊNIS – Mas eu sou machista. Com o maior orgulho! Sou apenas um subproduto do homem, e assim essas regras não me afetam.

BULUNGA – Você é de direita ou de esquerda?

PÊNIS – Depende da posição que meu hospedeiro me coloca. Geralmente, fico à direita.

BULUNGA – Não é sobre isso que estou falando. É sobre política.

PÊNIS – Sei disso. Estava só zoando. Sou de direita, é claro.

BULUNGA – Por que esse “é claro”?

PÊNIS – Os esquerdistas só se aventuram pelos esgotos uns dos outros. Não tenho nada contra, mas não é a minha praia.

BULUNGA – Esses “esgotos” a que você está se referindo seria o submundo da corrupção?

PÊNIS – Pode ser. É tudo sujeira mesmo...

BULUNGA – Para finalizar, qual lição de vida você pode transmitir para os nossos leitores?

PÊNIS – Com muita propriedade, posso dizer: “A vida é dura para quem é mole”!



JÔ SOARES

Tem muita gente que só se lembra do Jô Soares apresentador de talk show, que realizava suas entrevistas de forma inteligente e divertida, que ficou no ar por 28 anos, primeiro no SBT, e depois na Rede Globo. Mas Jô, nascido José Eugênio Soares (1938-2022), carioca, era muito mais do que isso. Queria ser diplomata, e chegou a estudar em conceituadas escolas no Rio de Janeiro, Petrópolis e até na Suíça, mas acabou participando de dois programas de rádio, até estreiar, em 1956, na Praça da Alegria, programa da antiga Record TV, do saudoso Manuel de Nóbrega, pai de Carlos Alberto de Nóbrega (famoso apresentador do mais longo programa da TV brasileira, “A Praça é Nossa”. Com Carlos Alberto, inclusive, foi co-redator do insuperável humorístico “Família Trapo”, também na Record, onde fazia o papel do atrapalhado mordomo Gordon.

Emplacou diversos outros sucessos, como ator humorístico e redator, já na Rede Globo, em “Faça Humor, Não Faça Guerra”, em 1971, “Satiricom”, em 1973, “Planeta dos Homens”, em 1976, “Viva o Gordo”, em 1981.

Em 1988, retornou ao SBT, onde estreou o programa “Veja o Gordo”, ao mesmo tempo em que iniciou sua carreira como apresentador, em “Jô Soares Onze e Meia”, mas tinha muita gente que não acreditava que daria certo, pois queria vê-lo integralmente como humorista, mal sabendo que a sua veia cômica seria essencial nessa sua nova empreitada, que ficou no ar, naquela emissora, até 1999, quando retornou à Rede Globo e exibiu o seu talk-show, agora sob o título “Programa do Jô”, até 2016.

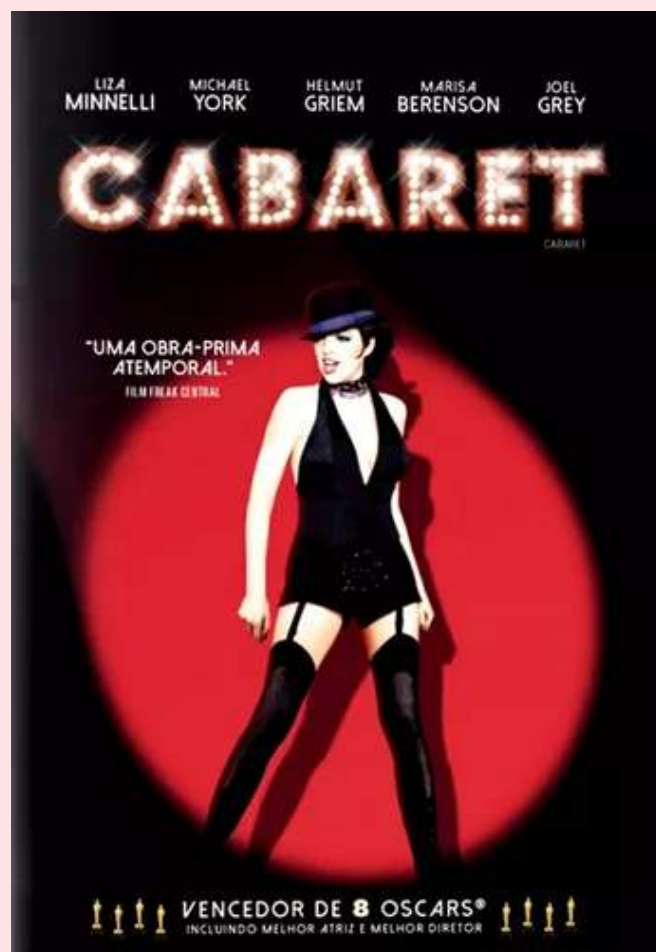
Jô foi casado com Therezinha Austregésio, com quem teve o seu único filho, Rafael, que sofria de transtornos autistas e faleceu em 2014, e também com a atriz Sílvia Bandeira e a designer gráfica Flávia Junqueira, mas também ficaram famosos os seus namoros com as atrizes Cláudia Raia e Mika Lins. Mas o talento de Jô não se limitava a seu trabalho como apresentador, ator, humorista e roteirista: foi autor de vários livros, peças teatrais, diretor teatral, artista plástico e músico. Era puro talento. Palmas para ele!

1973 - O GRANDE DUELO DO CINEMA

O ano de 1973 foi difícil, ao menos para Hollywood, com a 45ª edição do Oscar, pois foi travada uma batalha sem precedentes entre duas extraordinárias produções cinematográficas: “O Poderoso Chefão” e “Cabaret”. Todos devem conhecer o primeiro, que ganhou o Oscar de melhor filme daquele ano, estrelado por Marlon Brando, que foi premiado como o melhor ator, no inesquecível papel de Don Vito Corleone (mas ele se recusou a receber, em protesto contra os maus tratos aos nativos daquele país). Foi um resultado justo, pois é considerado pela crítica mundial como um dos melhores filmes de todos os tempos, mas bem que poderia dividir o pódio com “Cabaret”.

“O Poderoso Chefão” conta a história de uma família mafiosa italiana, nos Estados Unidos dos anos 1950, enquanto “Cabaret” aborda a ascensão do nazismo como pano de fundo de uma casa de espetáculos decadente, que tem como atração a fenomenal Sally Bowles, vivido por Liza Minelli, que arrebanhou o prêmio de melhor atriz. “Cabaret” também levou os prêmios de melhor direção para Bob Fosse (sem desmerecer a magnífica direção de Francis Ford Coppola com o concorrente), melhor ator coadjuvante (Joel Grey), Melhor Trilha Sonora de Canção Adaptada, Melhor Som, Melhor Direção de Arte, Melhor Fotografia e Melhor Edição, totalizando 8 prêmios, um recorde, enquanto “O Poderoso Chefão” levou três.

Não podemos deixar de falar da trilha sonora de “O Poderoso Chefão”, de Nino Rota, talentosíssimo compositor que realizou belos trabalhos para Federico Fellini, entre outros cineastas famosos. O trompete que inicia “The Godfather Waltz” é algo angustiante, uma verdadeira marcha fúnebre, talvez mais deprimente do que a de Chopin.



Já a trilha sonora de “Cabaret”, adaptada do teatro, onde a peça também havia se consagrado na Broadway (curiosamente, com Joel Gray fazendo o mesmo papel de apresentador) é algo que fica difícil de descrever, o que ficou ainda mais fantástico com a habilidade da edição e da fotografia (e da coreografia de Bob Fosse, é claro).

Foi uma pena que não conseguiram reunir em um filme os dois protagonistas, mas Brando ainda surpreenderia, naquele mesmo ano, com um polêmico e marcante papel em “O Último Tango em Paris”, e Liza ainda se destacaria, em 1977, em “New York, New York”, fazendo par com Robert de Niro, e a direção de Martin Scorsese.



UM ROMANCE ULTRAPASSADO

crônica de Michel Salomão

Sua vida não mereceria figurar em uma crônica, pois não possuía maiores atrativos. Acordava sempre às 6 horas, ia até o banheiro fazer a barba para somente então preparar o café. Dois ovos mexidos, duas fatias de presunto de peru, duas torradas. Nunca se casou, não tinha filhos, vivia da herança deixada pelo pai, que aplicava em carteiras diversificadas, mas não era chegado em consumismo, e por isso não tinha aborrecimentos para ocupar os seus dias, que eram sempre iguais. Depois do café, fazia uma caminhada pelas ruas do bairro, começando pela Barata Ribeiro, andava três quadras, depois virava à direita e seguia em frente até o calçadão, mas nunca entrava na praia. Não gostava de sujar os pés com a areia, e por isso calçava um mocassim sem meias, além da bermuda branca e da camiseta regata com listras horizontais em branco e azul. Tinha sete iguais, uma para cada dia da semana. E sete bermudas brancas, importante dizer. Não levava documentos nem dinheiro, pois temia ser assaltado, mas a verdade é que em todos esses anos nunca mexeram com ele, apesar de ter presenciado vários casos em que os incautos turistas terminaram suas férias sem a carteira, o relógio, a correntinha de ouro, a pulseira ou até mesmo os óculos de sol, pois os meliantes não perdoavam nada.

Já era uma figura folclórica em Copacabana, e sempre era visto no bar do Magid, que ficava a quatro quadras de seu prédio. Pagava a conta mensalmente, e era o único a manter um “caderninho”, pois o velho turco não costumava dar moleza com a clientela.

Depois que se tornou viúvo, não quis mais se envolver com mulheres. Não queria as cobranças que sempre envolvem um relacionamento. Um ou outro romance passageiro, apesar de ser bem cotado, não por ser bonito, muito pelo contrário, pois não se cuidava muito, deixava os cabelos das têmporas crescerem para fazerem uma cobertura ridícula sobre a cabeça, para disfarçar a calvície, além dos óculos de aro preto bem grosso, com grossas lentes verdes que faziam com que parecesse bem mais velho do que era. Sessenta e três anos, mas ainda assim algumas

mulheres ainda davam mole para ele, possivelmente, pela situação estável que proporcionaria um servidor público aposentado com proventos integrais.

Certa vez, segurou a porta do elevador para uma vizinha que havia acabado de se mudar para o prédio, após ficar viúva e os filhos não terem tempo para se ocupar com ela. Foi o suficiente para ela ir ao seu apartamento, com a desculpa de que teria faltado uma colher de café, e da outra vez porque a torneira enguiçou e ela pediu para que consertasse, e teve ainda a vez em que ela estava com medo dos trovões e foi quando acabaram na cama de ferro fundido que ele guardava desde os primeiros anos de casamento, pois gostava da cor cobreada e rústica das folhas e brasões de sua cabeceira.

Não conseguiram concluir o ato, pois, apesar de parecer excitada, ela estava seca, talvez por já ter passado pela menopausa, ou pelos destemperos da vida, que lhe secaram também o coração, e era muito diferente das meninas encharcadas com que se envolveu até então, que não dependiam de muita conversa preliminar, tampouco de mentiras ou promessas que nunca iria cumprir.

Contudo, ficaram amigos e continuaram se encontrando todos os dias, ora no apartamento dele, ora no apartamento dela, e até pensaram em se casar, pois tinham deixado para trás as ilusões de um amor escaldante que seria capaz de inflamar os colchões.

Quis o destino que uma das filhas a chamou para morar na Europa, e ela, consternada, teve que aceitar, pois iria ajudar a olhar a sua neta mais nova, e assim prometeram se falar todos os dias, e nos primeiros, trocaram mensagens animadas pelo WhatsApp, faziam videochamadas, mas com o tempo os ânimos foram se arrefecendo, até que deixaram de se comunicar. E ele continuou acordando às seis, se barbeando antes do café e fazendo a sua caminhada pela orla da praia, começando pela Rua Barata Ribeiro, com a sua bermuda branca e a camisa regata com listras horizontais brancas e azuis.

NADA DE NOVO NO FRONT

Jorge F. Isah

Este livro estava em minha lista já havia um bom tempo, na verdade, quase uma década. É interessante como fazemos relações dos itens a ler no ano seguinte e, ao término dele, muitos títulos foram abandonados, substituídos por outros ou simplesmente ignorados. Assim foi com “Nada de novo no front”, de Erich Maria Remarque.

E o que dizer?

O autor nos fisga com uma narrativa ao mesmo tempo cínica, humanista e transparente dos horrores da guerra; sem heróis, sem vilões, sem princípios ou razão, sem nobreza ou virtudes. Se existe algo a aprovar e contemplar seriam as relações interpessoais, a cumplicidade, o auxílio mútuo, as almas engatadas ao intento comum de sobreviver e tornar-se, um dia, página virada na história geral mas também individual... A despeito dos motivos históricos, da soberania das nações, das provocações e tudo o mais a conflagrar as guerras, a estupidez e malignidade do “espetáculo” não é casual ou imprevisto, mas meticulosamente programado. O erro, se assim pode-se dizer, está em nenhum dos lados admitir a derrota, mesmo que seja iminente e também precisamente calculada. Talvez, por isso, Remarque não perca tempo descrevendo a motivação ou incidentes a suscitar a guerra. Qualquer que seja, não existe razão a não ser a natureza diabólica do homem em destruir e ansiar o caos em sua forma mais organizadamente desvairada.

O livro é pacifista. O pano de fundo é a 1ª Grande Guerra. O autor, ele mesmo, em sua juventude, foi para a frente de batalha a defender a loucura dos loucos. E o realismo da narrativa se baseia essencialmente em suas experiências no front, entre explosões, ricocheteios, sangue, ratos, gases, doenças, mortes e tudo o mais a envolver a sanha encarniçada humana.

Um grupo de garotos, na faixa dos 20 anos, se vê na frente de batalha, a empunhar um rifle que, de tão gasto, já não conserva a mira correta e acaba, como o personagem principal relata, por abater os soldados do próprio pelotão. As condições são miseráveis. A

Alemanha está às portas de perder a guerra que começou, e os recursos são escassos: comida, medicamentos, armamentos, munições, e sem dispor das técnicas mais modernas de combate.

Se vê irremediavelmente suplantado pelos britânicos e americanos; mesmo assim, recusa-se a encarar a previsível derrota e alista mais e mais soldados em idade cada vez mais tenra, lançando-os sem qualquer treinamento prévio nas trincheiras e campos onde são dizimados às centenas e milhares pelos modernos e letais aviões da RAF, por tanques e artilharia sofisticada. Do lado germânico, cavalos e homens se amontoam nas valas e buracos das bombas, quando não são destroçados e espalhados por elas.

O princípio de tudo é o patriotismo, a defesa intransigente da nação, como se a existência individual não pudesse prescindir à estatal. O ser é determinado por onde você nasce ou vive, as cores da bandeira, o brasão nacional, o rei e seu governo (à época do evento), a glória e integridade pátrias. A recusa significa covardia e desonra, enquanto o prestígio está à serviço do país, mesmo se significar a morte e uma condecoração póstuma; e a sobrevivência garante ao “morto” a perpetuação do luto, angústia e desgosto tal qual uma pena capital em vida. Por isto, os mantras cívicos invocam sempre para a repetição de um amor e dedicação unilateral; o culto à fôrceps, a subordinação a ferros... E a liberdade propalada é o “mote” para a escravidão.

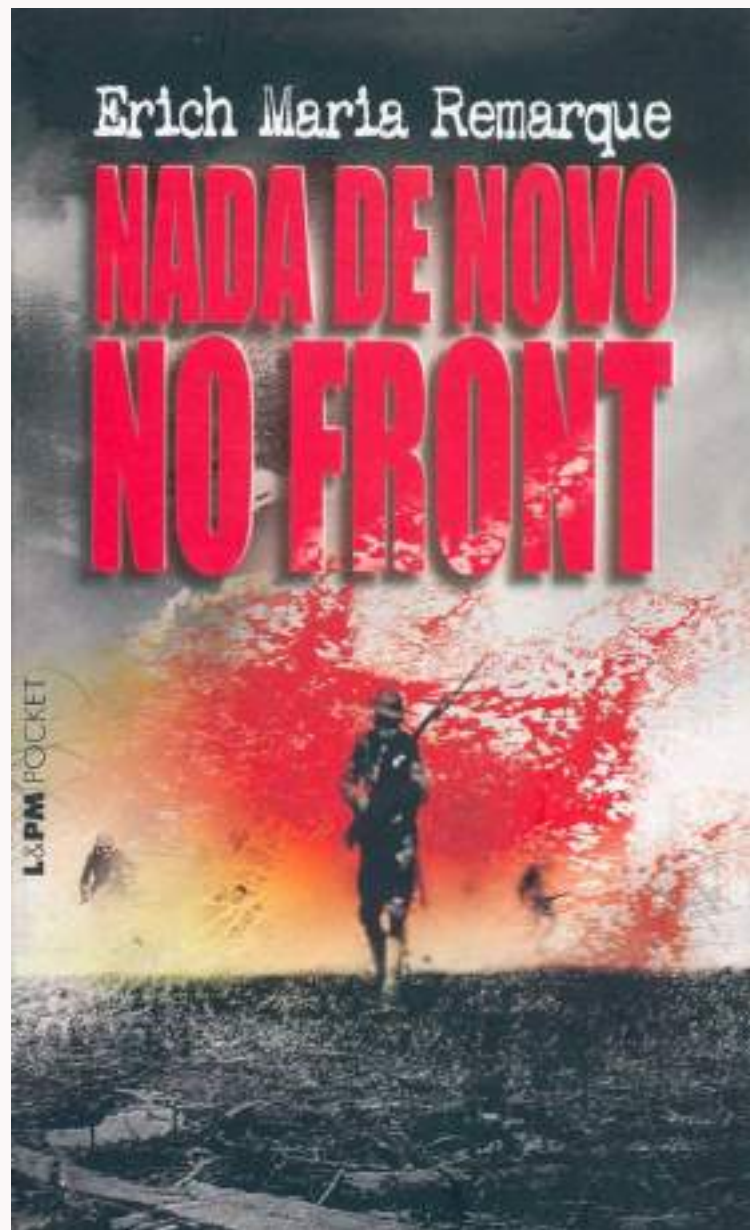
Quando vejo as pessoas a brigar, segregar e estigmatizar conterrâneos que desconfiam das intenções de governos e políticos, sejam eles quais forem (e não vale citar os casos “raros”, pois esses nunca chegarão ao “verdadeiro poder”), e se debruçam em promessas e discursos nitidamente velhacos e patifes, algo de muito podre está a corroer a consciência e a suposta racionalidade. Por falar em racionalidade, as guerras de maneira geral, e a 1ª Grande Guerra em especial, derrubou o iluminismo e o racionalismo de várias gerações, e, por si só, já seria suficiente para desancar de uma vez as raízes das “luzes”, apontando-a como fraude

e embuste. Afinal, se o homem é essencialmente racional, qual a lógica em promover (e, pior, defender cegamente) massacres, torturas e devastação em nome da razão? E fabricar mortos aos borbotões? Remarque não explica a guerra, muito menos está preocupado em justificá-la, mas levantar a reflexão sobre a própria condição humana e sua capacidade de produzir o mal em níveis e proporções heterogêneas, contudo, incessante. O homem é mal, aponta, e o ódio ao inimigo não está simplesmente no instinto de viver, mas de destruir. A distância favorece a indiferença, mas quando ela se torna próxima, seja dos correligionários ou não, o impacto da vida esvair-se é doloroso e antinatural. Em dado momento, o protagonista,ilhado em uma cratera em meio ao detonar de granadas e bombas e o ribombar das metralhadoras, se depara com a visita de um soldado francês; ele desfere algumas facadas e o inimigo agoniza mortalmente. Enquanto ali, a ouvir o respirar aflito e os gemidos torturantes, o vê como a si mesmo, um homem comum, com mulher, filhos, lar, trabalho, uma vida igual à sua. Tenta ajudá-lo, sem sucesso. Tem remorsos por feri-lo (não consegue porém “consumar o seu feito”); jura gastar a sua existência para honrar aquele inimigo, assegura-se de saber o máximo sobre ele: nome, profissão, família, etc, a partir de dados e fotos da carteira. Após sobreviver, e passarem-se alguns dias, sequer se lembra do soldado, e abandona qualquer tentativa de cumprir as promessas feitas no covil. O remorso faz parte da história, esquecida e longínqua, e as lembranças não têm lugar na memória, na alma, na inconsciência do dever cumprido, seja lá o que isso represente.

Remarque escreve de maneira fluída, onde as descrições de eventos, lugares e pessoas é minuciosa, dissecas as angústias, medos, desejos e o artificialismo nas trincheiras e descampados, sem deixar de pontuar trechos lúdicos e outros bucólicos. Pode-se encontrar até movimentos poéticos, se o leitor tiver a devida atenção.

O livro é impactante, daqueles difíceis de esquecer. O senão, a meu ver, é o final. Apesar de condizente com a narrativa, eu preferiria dar-lhe um aspecto mais, digamos, indefinido e, quem sabe, otimista. Contudo, em nada diminui ou anula o valor da obra.

Um ponto a se considerar, e me levou a refletir, é quanto a perceptível ausência de elementos metafísicos. Talvez, porque a guerra é dos homens, e a eles apenas deve ser imputada, jamais a Deus. Talvez, porque Remarque considera o homem abandonado por Deus e, como tal, não poderia invocá-lo a seu favor. Talvez, porque a guerra seja o inferno profetizado, seus atores condenados, e nada possa mais ser reparado. O fato é que, enquanto o homem se perder em si mesmo, achará apenas mais de si, e isso, na maioria das vezes, significa a batalha inglória e sem fim.



Avaliação: (****)

Título: Nada de novo no front

Autor: Erich Maria Remarque

Editora: L&PM

Páginas: 208

Sinopse: “Aos dezoito anos de idade, Erich Maria Remarque (1898-1970) conheceu as trincheiras alemãs da Primeira Guerra Mundial. Foi ferido em três ocasiões. Saiu do conflito profundamente marcado e perplexo com a crueldade da guerra. Durante a década de 20, enfrentava a insônia carregada de fantasmas tomando notas sobre os horrores que viu e viveu no front. Os rascunhos formavam o núcleo de um romance. Publicado em livro no ano de 1929, "Nada de novo no front" firmou uma posição radicalmente pacifista em um mundo que ainda via a guerra como uma alternativa política e determinou o perfil antibelicista que habita a literatura ocidental até hoje.”

APOSENTADORIA

Revolvi aposentar-me, aposentar de mim mesmo, das minhas rotinas, para entrar em outras rotinas. Pendurar as chuteiras, virar vagabundo, turista do bairro, motorista de esposa ou de netos, frequentador de mercearias, comentarista do tempo, antes que fosse aposentado à força, como acontece com algumas pessoas, depois de serem pegas dormindo sobre a mesa de trabalho, a baba escorrendo sobre os relatórios, e para esses fica difícil aplacar a saudade dos cafezinhos, das fofocas de corredor, dos almoços no refeitório e das festinhas de final de ano, e por isso decidem se acorrentar à mesa, ou se fecham na sala depois de colocar cola Superbonder no tambor da fechadura, e pressionam um Prestobarba contra o próprio pescoço para dizer que farão uma loucura se alguém entrar.

Fico imaginando como será, a partir de amanhã, acordar às dez horas, eu que sempre pulei da cama às 5h30m, e ficar andando de pijama pela casa, almoçar quando der vontade, dormir à tarde, tomar café com biscoitos e assistir podcasts no YouTube, coisa que nunca pensei em fazer durante esses 42 anos de atividades.

Lembro-me do primeiro emprego: um rapaz ainda, prestativo, querendo causar boa impressão. É claro que me falaram para buscar o envelope redondo para ofício circular, mas não caí nessa conversa, pois não era tão bobo quanto pensavam. Na verdade, nunca fui muito lesado: pelo contrário. Mesmo quando era um bebê, dormia com um olho aberto e o outro fechado. Mamadeira adulterada, nem pensar: denunciava na hora, aos berros.

Posso dizer que tive uma carreira bem-sucedida. Quarenta e dois anos de burocracias, que exerci de uma forma eficiente.

Muitos colegas morreram antes de conseguirem se aposentar, mas prometi a mim mesmo que somente morreria depois de assinada a carta de alforria. Se possível, muito tempo depois.

Tive um colega que faleceu exatamente dois

dias após a publicação do seu ato. Vivia falando que depois que se aposentasse iria viajar, rodar o mundo. Ainda não tinha nem completado 60 anos e foi acometido por um mal súbito. Dois dias. Se fossem três, poderia ao menos ter ido assistir um filme no cinema do shopping, para depois tomar um sorvete de pistache. Não teve tempo para isso.

Tem gente que é radicalmente contra o instituto da aposentadoria, alegando que é como uma espécie de “pirâmide”, pois, segundo eles, os primeiros a se aposentarem serão beneficiados, mas quando chegar a vez dos últimos, não haverá dinheiro para bancá-los. A conta deles consiste em considerar os 20% do salário recolhido mensalmente durante 35 anos (percentuais e períodos hipotéticos), o que significaria 100% do salário a ser pago por 17 anos e meio, e se a pessoa se aposenta aos 60 e fica vivo por mais de 77 anos, os demais ficariam prejudicados. Para piorar a situação, se esse aposentado deixa um pensionista, esse benefício pode se estender por 10, 20 ou mais anos.

Contudo, haverá sempre um rodízio, visto que novos contribuintes entrarão no mercado de trabalho e dedicarão suas parcelas por 35 longos anos, ocasião em que aqueles que se aposentaram anteriormente, e até mesmo os seus pensionistas, já terão falecido. Ademais, esse dinheiro não fica parado e, ao menos teoricamente, deveria ser aplicado em projetos que renderiam dividendos. Seria uma pirâmide se todos se aposentassem ao mesmo tempo, e aí, sim, não teria recursos suficientes para todo mundo. Mas não é o caso.

Isso é inveja, porque tem muita gente que odeia ver as fotos que os velhinhos publicam nas redes sociais, andando com aqueles carrinhos elétricos pela Disney, vestindo suas camisas floridas, bermudas cargo e sandálias de couro. Também quero fazer isso. E vou postar tudo no Instagram, só para deixar o povo com ódio.

Michel Salomão

O que são valores?... Pense um pouco... Pode ser o preço atribuído a algo, certo? Ou a utilidade e valia, também... Pode ser o mérito, a legitimidade ou a qualidade de objeto ou pessoa. Ainda, algo a ser estimado ou considerado. Mas existem os aspectos negativos que são o pouco ou nenhum valor. Na filosofia, uma das ideias é a de determinar o que algo ou alguém pode ser em oposição ao que se é. Ou seja, a base para se estabelecer o valor não está naquilo que a realidade mostra no presente, mas o que ela pode vir a ser, no futuro. Diante desta hipótese, parece que vivemos em um mundo onde a realidade, o que está diante dos nossos olhos, pouco importa (somos cegos de nascença); aquilo que supomos ou conjecturamos possui o real valor, mesmo a não se confirmar ou “vingar” como os antigos diziam, em algum peso, a não ser “morto”.

Expectativas são, em princípio, necessidades humanas. Se não as houver, de que adiantam as esperanças? Entretanto, não se ater aos fatos, ao tangível, ao manifesto e perceptível, é viver no “mundo de Bob” ou a “Alice no país das maravilhas”. O brasileiro tão obstinadamente míope e somático em seu ufanismo predatório, esquece-se de que um dia é da caça e outro do caçador, mas ele não tem arma alguma a não ser um enorme alvo às costas. Da mesma forma, espera o dia em que possa olhar o seu reflexo na água e vislumbrar todos os seus defeitos, pecados e vícios como se fossem a beleza, qualidades e virtudes. Seria o “antinarciso” no aspecto físico, mas a sua alma está tão ou mais corrompida pela vaidade e soberba quanto o mitológico personagem de Ovídio.

Temos nos deparado com todos os tipo de insanidades e barbaridades, engendradas de maneira não muito astuta, nem muito sutil, ou hábil, mas que descem à força pela goela das pessoas, como se fossem traquinarias ou travessuras inocentes. Com isso, cada vez mais o homem de bem (não vou entrar nos detalhes, pois, para quem

A

AAA

A

Othon Cávado

sabe ler, um pingo é letra) é punido e condenado por sê-lo, enquanto os bandoleiros, trapaceiros e velhacos (bis, bis, bis) se refestelam e festejam sem qualquer constrangimento; pelo contrário, sentem-se estimulados e incentivados a nadar na corrente dos favores benévolos e parciais. E nesta pororoca de cortes, cada vez mais são arrastadas ao lado “negro da força”; e se há os que desejam ir, outros acabam indo por não resistir. E assim o brasileiro não foge porque não quer, não quer porque entrou no labirinto ou no beco sem saída...

Não sei onde vai dar tudo isso. Na verdade, é possível antever sem ser profeta. Todos vão se ferrar, os valorosos e sem valor, os úteis e os inúteis, os moral e eticamente positivos, e os negativos; vida e morte se entrelaçarão e ninguém poderá desatá-las... Não entre os humanos, cada vez mais perdidos, dissonantes, indispostos. Eles, de ciclos em ciclos, sempre encontram a brecha a jogá-los novamente na escuridão e abismo. E se no passado havia a perspectiva de luz, hoje é impossível. Sim, ao homem é impossível, não a Deus! Mas enquanto brigar com a verdade, os fatos e o presente, à espera de um futuro inacreditável, o melhor é continuar pondo valor onde não existe. Na esperança de ser também, ele próprio, a dinâmica da lábia.



CAPITÃO FANTÁSTICO

por Guido Malaparte

Instigado por um amigo, preparei a pipoca para assistir “Capitão Fantástico”, com a expectativa de ser um filme de qualidade; e contar com Viggo Mortensen era o prenúncio das coisas andarem como previstas. Era, eu disse. Hollywood tem se especializado em fazer filmes aparentemente sensíveis, alguns despretensiosos, outros nem tanto, mas sempre com suas mensagens subliminares ou não contra o establishment, do qual é parte inerente e provedora. A sensibilidade está a encobrir e camuflar outros objetivos, e a levar muitos espectadores a entender o projeto como humanista, cativante ou enlevado, quando se trata apenas de uma máscara. Ao mesmo tempo, dedica-se quase obstinadamente nas últimas décadas a bater no sistema como se dele não participasse, fosse a antítese, e não houvesse qualquer motivação de usurpá-lo “desinteressadamente”, e fingir não haver qualquer atuação influente no teatro onde se quer protagonista. Nova teoria de conspiração?... Assista as produções, especialmente dos grandes estúdios, e me diga se não existe um plano em curso e você foi cooptado ingenuamente pelo iluminismo da Revolução Francesa e espera a sua vez de subir ao patíbulo e imprimir um pouco mais de vermelho à lâmina.

Findo o filme, questionei-me: que raios estive a assistir?!!

Nitidamente existem elementos ideológicos, quase panfletários, de viés marxista-libertário. Pode-se dizer que o roteirista e também diretor, Matt Ross, talvez estivesse a utilizar de ironia e sarcasmo ao dedicar boa parte dos diálogos, sobretudo aqueles da “reunião de sindicato” dos filhos. Que ao defender os princípios do pai, Ben (Viggo Mortensen), estivesse evocando a liberdade e a não sujeição às normas e convenções sociais: consumismo, obesidade, ostentação e frivolidades várias. Mas, para alguém que vivia do dinheiro da mulher, Leslie (Trin Miller), enfiado no mato a ensinar os rebentos a despojarem-se do modernismo¹, o sistema, em boa parte, mantinha o seu ideal de estilo de vida.

No caso de Leslie, diagnosticada bipolar (temos outra contradição, já que em boa parte do filme os membros da família gastam-se em satisfazer os seus últimos desejos; mas, até que ponto ela realmente os queria ao redigir o seu testamento? Seria a Leslie lúcida ou o seu oposto?... E, em qual estado psicológico o redigiu?... Ninguém sabe, ninguém viu!), não se tem certeza se a causa da doença foi consequência do retrógrado estilo de vida “normal” ou a exótica “naturalidade”.

Substituir a comemoração de Natal, o nascimento de Jesus Cristo, pelo de Noam Chomsky, antes de ser uma subversão é acomodação, não à realidade e verdade, mas à aparência de realidade e verdade, apenas para se fazer “descolado”. Na mesma linha, Ben, posta-se nu diante da porta do seu trailer, e diante de um casal octogenário, sai-se com uma das suas “pérolas” pré-fabricadas: “O que tem de estranho? Todo homem tem um pinto”². Com isso, exhibe-se intolerante e desrespeitoso, além de chulo, não por serem anciões, mas porque ele se satisfaz simplesmente em “chocar” e se mostrar rebelde sem qualquer preocupação com senhorzinhos pacíficos e inofensivos³.

Em outra passagem, no “roadie-movie trailer”, a caminho do funeral de Leslie, o filho mais velho de Ben, “Bo”, faz-se de lunático, juntamente com os irmãos, para demover o policial de vistoriar o ônibus. O estereótipo da cena resume tudo: fanáticos cristãos avançam sobre policial caipira que, apavorado, desiste de cumprir o seu dever, como se estivesse em iminente perigo. Ao final da cena, alguns dos filhos de Ben seguem-no e se despedem do guarda: “Deus o abençoe!”, e riem cinicamente da mentira e ardilosa trapaça. Para quem afirma quase o tempo todo não mentir para os filhos, ensiná-los a mentir, debochar e serem ardilosos e desrespeitosos é hipocrisia mas também uma tática para subverter a consciência e criar pretextos a fim de justificar a desordem e até mesmo crimes; não muito diferente da mesma sociedade a qual acusam e cantam, em verso e prosa, suas mazelas sustentadas por séquito bovino... Ah, algo idêntico aconteceu em um supermercado onde Ben encena um ataque cardíaco, enquanto é atendido pela filha menor, de 8 anos (Zaja), e os demais fazem a “limpa” no estabelecimento. E acabam com o fruto do delito por celebrar Chomsky, entre mais risos inconsequentes e um deleite psicótico.

Na igreja, Ben interrompe o funeral, ridiculariza a instituição, os parentes, fiéis e o padre, e fala as verdades escritas pela “bipolar” que, sabe-se lá, estava de posse de qual personalidade no momento de redigir a missiva? E ele as arroja nas caras das pessoas que, mais uma vez, permanecem serenas, pois, com maluco não se deve brincar, quanto mais contrariar. O único a opor-se é o sogro, pai de Leslie, Jack (Frank Langella), que ordena a dois seguranças retirarem o genro da cerimônia. Neste ponto, Jack é o capitalista opressor e Ben o idealista injustiçado; mas na disputa entre eles como ficam os demais?

Ben é claramente um narcisista, egoísta e disposto a

romper com as bases autoritárias da sociedade impondo, ele mesmo, o seu imperativo e despotismo.

No caminho de volta para casa, após exumar o corpo de Leslie em sua beleza indefectível, os filhos se emocionam e choram. Lembrei-me de “Enquanto agonizo”, de Faulkner, tão somente pelo traslado das defuntas, mas enquanto no romance os dilemas, pecados, dúvidas, expectativas, princípios e axiomas são discutidos apropriadamente e de maneira profunda, no filme não se vê nada disso: apenas um emaranhado de lugares-comuns, sem pé nem cabeça, que pouco ou nada dizem sobre as questões primordiais da vida; um pastiche de “filme cabeça” sem que haja qualquer proposta tangível; nem mesmo a de simplesmente fazer rir, pois as “piadas” mais parecem receituário de remédio contra prisão de ventre⁴.

Depois de cremarem Leslie e jogarem as cinzas em um vaso sanitário, e novo surto de riso, Bo, despede-se da família, antes de partir para a África. Entre abraços e declarações de amor, Nai, quase um bebê, pergunta: “Por que você vai para a Namíbia?”

“Eu apenas coloquei o dedo no mapa.” – Bo responde.

Antes de chegar à escada rolante, Nai (sempre ele) agarra-lhe a perna, e novo diálogo se desenforma:

“Poder para o povo!”, diz Bo ao abraçá-lo.

“Desafie as regras!”, responde o garotinho.

Pode ser mais uma tentativa irônica de criticar um conceito ou pensamento; de qualquer sistema ideológico requerer certo grau de “lavagem cerebral”, mas se esta foi a intenção, o espectador não tem certeza, e se não foi, a coisa piora ainda mais.

No fim, o restante da família muda-se da selva para uma casa; os rebentos, enquanto aguardam o ônibus escolar, tomam café na mesa da cozinha, como qualquer outra família. Resta, como certeza, os vínculos afetivos entre pai e filhos. Ao menos isso Hollywood ainda não destruiu, apesar de tentar insistentemente fazê-lo, nos últimos anos... Mas, espera aí!... Pensando melhor, nem isso escapou do naufrágio, afinal, lançar as cinzas da matriarca no vaso

sanitário não me parece símbolo de afeto, carinho ou amor... em meio a risos histriônicos e tresloucados, a parecer mais uma convenção de malucos e sádicos.

A minha conclusão é a de que o filme não diz a que veio. Se é uma crítica ao status quo, ao marxismo, ao libertarismo, ao Cristianismo, ou a qualquer coisa, falhou vergonhosamente; parece atirar para todos os lados sem acertar nenhum, apenas o próprio pé.

O único acerto da produção foi escalar Mortensen para o papel principal e o restante do elenco, a despeito do fraco roteiro, existe uma sintonia autêntica e palpável; e, neste caso, não há como tirar os méritos da direção. O que é pouco, convenhamos, para quase 2 horas de filme. Era preciso mais, e a história quase foi capaz de tirar do filme o pouco que não tinha.

Se pudesse resumir em uma frase, diria que “Capitão Fantástico” é um picolé de 1 real: parece picolé, se chama picolé, tem embalagem de picolé e você compra como se fosse picolé mas, no fundo, é apenas água congelada no palito.

Avaliação: (**)

1O que dizer das facas, arcos e flexas de carbono; violões, gaitas, aparelhos de som, veículo, livros e outros apetrechos consumistas?

2 Tradução não literal.

3 Alguém vai dizer: estes mesmos senhorzinhos são os destruidores ou opressores e fascistas, mas o que lhe dá essa garantia? Deles não estarem apenas cuidando de as suas vidas, capaz de até mesmo tolerar e sustentá-lo em seu ócio e intransigência?

4Se a ideia era fazer o espectador rir, o princípio de tanto riso entre as personagens apenas constrangeu o audiente, ao ponto de não encontrar um momento sequer capaz de desanuviar a pretensiosa mas catastrófica película, perdido em meio ao labirinto de sugestões aleatórias; sinais a indicar nenhum lugar e a levar a lugar algum.



WhatsApp (31)98025.1010 - Telefone (31)3222.1010

Post Scriptum V

Jorge F. Isah

Quantas vezes se sentiu assim? Não ocorreu o mesmo quando saiu com a primeira garota, quando muito jovem? Quando participou do primeiro campeonato de futebol? Quando declamou o poema do Bilac no pátio da escola, na comemoração da Inconfidência Mineira? E aquela professora de matemática a insistir diante da classe que ele namoraria a sua filha? E aquela outra do fundamental, dona Orizetti, que disse, certa vez, como gostaria de ter um filho como ele? E lhe deu de presente o livro de Cláudio Manuel da Costa?... Havia sempre o quê de apreensão, de encabulamento, de não saber o porquê dessas coisas o perseguirem, as emoções em constante peleja, a arrastá-lo do comodismo e tentar levá-lo a reconhecer algo indesejado, a tirar-lhe do anonimato e lançá-lo à notoriedade circunstancial e relativa, mas, ainda assim, inquietante? Por que, raios, não era como todos os demais? Incapaz de curtir o momento e aproveitá-lo em seus breves e intensos minutos?... Antes, se angustiava em desarranjos intestinais, em noites maldormidas, ideias fixas de humilhação e insegurança?... Na quase totalidade saíra-se muito bem, com pouco ou nenhum fiasco, mas preferindo sempre evitá-los, a sua possibilidade ou iminência, ao vacilar e retirar-se de determinada situação, a fim de se preservar. Sempre tinha em

mente não haver fracassado porque se abstera de correr os riscos, acovardado no pânico de se expor, o que em si era o exemplo mais visível e palpável do insucesso sem esforço, a derrota sem batalha. Imaginou-se tantas vezes aniquilado, que acabava por se render antes do primeiro tiro ou investida. Essas imagens vinham e iam em sua mente, acordada havia quase 24 horas, próximo de consumar, às portas de torná-lo na última sensação midiática. Um grupo de repórteres se acumulavam no saguão do hospital, à espera da sua decisão. Se para o bem ou para o mal, ganharia os seus 15 segundos de fama e, por um instante, seria exposto como em outras tantas vezes, a diferença é que se tratava, naquele momento, não apenas esconder-se de si, mas traçar o destino da paciente e sua família. Talvez, regular e definir a sina de outros tantos no mesmo cenário.

Remexeu o vidro de cloreto de potássio. Pegou, rodeou-o entre os dedos, e o depôs novamente sobre a mesa.

- Antônio, o que acha do suicídio?

O irmão assustou-se. Os olhos estatelaram-se e assumiu uma fisionomia apreensiva e tensa.

- O que está pensando?... Sério?!... Não me diga que cogita tal hipótese...



Titubeou. Sentiu o calor subir-lhe pelas faces e o rubor certamente a denunciar os pensamentos. Diante de toda a pressão e ameaças à si, sua profissão e família, várias hipóteses ocorreram-lhe: esconder, fugir, abdicar da carreira, mas nada disso impediria as autoridades de persegui-lo como a um traidor e assegurar pegá-lo, e fazê-lo pagar pela violação. Ao que sempre lhe vinha também, como o pino retirado da granada, o seu dever e obrigação de zelar pela vida e os pacientes. Poderia encará-los, caso desse fim ao caso, conforme a força institucional? E os parentes? E sua própria família?... Suportaria espelhos em casa?... Ou a imagem, mesmo amorfa, nas vidraças e outras superfícies a refleti-lo?... Eram tantas variáveis, cada uma mais prejudicial do que a outra que, em dado momento, surgiu-lhe a ideia de suicídio. Deu-lhe calafrios e um vazio no estômago como jamais sentira antes. Nem mesmo quando selou os lábios pela primeira vez em uma garota, e guardou-lhe o aroma dias seguidos. Era uma dor infinita, encruada ao ser, a movê-lo entre o sim e o não, não e sim, sem um talvez ou quem sabe a permeá-los, apenas os extremos como sinais ensurdecadores a piscar nos olhos: verde, vermelho, vermelho e verde, as vezes imóveis, as vezes oscilantes, mas sempre ruidosos e intensamente afiados.

- Bem... sim... não é de todo ruim diante da minha agonia... - Cabisbaixo, não quis encarar o irmão, e fixou os olhos em um ponto do tampo de vidro, esfregou-o e certificou-se de ser impossível retirar com o dedo, por mais a esfregar.

- Não acredito!... Todas as nossas conversas o levaram a isto? À maneira covarde e mesquinha? - Antônio estava abalado, e jamais imaginara essa consequência ilógica, inumana, sequer opção. Ao seu ver, a autoquiritia era a saída dos ineptos ou fanáticos, sempre a indicar o idólatra em seu obstinado desvario cético, seja antirreligioso ou pessimista, o escapismo irracional e embaraçosamente piegas, na ação e pensamento ultimados ao absurdo, aos disparates.

- Creio ser a forma mais prática de se chegar à paz que mencionou... - Claudicou nas palavras e raciocínio.

- Você não entendeu nada, meu irmão! - o desânimo assomou-lhe o espírito quase fatalmente - Quer dizer que essa é a saída?

- Não sei... - Depois de ponderar e sucumbir à própria falta de esperanças.

- Como não sabe?... Entre o sim e o não haverá um talvez? É isso que está dizendo?... - E recompondo-se - Essa história de que o tempo cura dores insolúveis é balela. Os movimentos são sempre na direção do agir, seja para o bem ou para o mal, o certo e o errado, nunca existe a opção de muro e sentar-se nele. As coisas sempre nos afetarão, de um jeito ou de outro, e a indiferença é uma maneira sórdida de tentar dizer a si mesmo que não importa, quando essa indiferença falsa e quimérica, deixará rastros, consequências, que se você não quiser assumir cairá sobre os ombros de outro, e dará a também falsa ideia de estar no controle quando não está, mas ainda assim é o joguete, a arma que dispara na direção que não quer mas acerta em quem quer, mesmo que não queira ou não saiba que quer... - Respirou fundo, e prosseguiu. - Resumindo: já imaginou a consequência do seu eventual ato? Mesmo que alcance a paz, o que certamente não conseguirá, pois a morte não é o fim ou o armistício da vida, mas apenas uma trincheira momentânea onde se acredita seguro, pouco antes de cair-lhe na cabeça um amontoado de bombas e gases venenosos, e se não sucumbir a ela certamente será abatido ao tentar escapar... A paz, portanto, não é a fuga, jamais foi, mas encarar as lutas e conflitos com a tranquilidade, sabedoria e fé, ou esperança se achar melhor, de fazer o certo, justo e virtuoso segundo a consciência, não o simples desejo, mas segundo os propósitos absolutos de cumprir a vontade de Deus. Assim como Cristo encarnou-se para fazer a vontade de Deus o Pai, e mesmo nos piores momentos, os mais dolorosos e humilhantes, estava em paz, devemos em busca dessa paz não satisfazer os desejos imediatos da vontade, o alívio insensato e leviano, mas compreender e seguir, indo contra a própria natureza se preciso, o ânimo supremo de Deus...

- Mas, como saber se não é a vontade dele eu abrir



Optica Metrôpole

Rua da Bahia, nº 1052 - Centro - Belo Horizonte - MG - Tel. (31)3226.3212

mão da minha vida? Não seria uma forma de sacrifício, de martírio aceitável?

- Deixa eu explicar uma coisa: a vontade suprema de Deus não é a morte, mas a vida. Ele jamais mandará você matar um, dois, centenas ou milhares, para compensar, de algum jeito, a vida de um, dois, centenas ou milhares. Ele sempre quer a vida, em todos os graus e níveis. Portanto, o suicídio não está nos planos dele.

- Mas, você deu o exemplo de Cristo... Ele não morreu para que os outros tenham vida?

Não queria simplesmente pegar o irmão em alguma contradição mas entender as diferenças e poder assim fazer a escolha que realmente lhe trouxesse o descanso da alma.

- Humm... são coisas diferentes. Cristo morreu para salvar e não para fugir da vontade e de se imiscuir de responsabilidade. Pelo contrário, sentiu-se encarregado, obrigado, a cumprir a missão, abrindo mão da própria vida, para salvar o mundo... Não foi egoísmo, mas amor. Entende a diferença?... Você, em contrapartida, quer o alívio, safar-se, e deixar o problema para os outros... ou estou enganado?

Levantou a fronte e encarou rapidamente o irmão. Sim, era verdade. Não havia altruísmo ou amor ou piedade ou qualquer sentimento em relação ao próximo, mas a si mesmo. Não pensou na família, na paciente, nem em colaborar para resolver a situação. Os pensamentos iam e vinham na mesma direção, fugir, esconder-se, e não se constranger ou humilhar-se. Antônio estava certo, havia orgulho e egoísmo a mover-lhe desde o início, e a garota era apenas o meio pelo qual os seus receios se manifestavam.

- Sim... você está certo... – Balbuciou.

- Para muitos, a paz é uma conquista, não importa como. Mas ela acaba sempre sendo momentânea, fugidia, porque é algo tirada e à força de alguém, seja rebaixando, destruindo, anulando-a. A paz não é uma conquista, mas é uma dádiva. Quando confiamos no que é certo não apenas para nós mas também para os outros. Quando estamos dispostos a sacrifícios, a perdas pessoais, nos fazendo mínimos diante dos outros, é nesses instantes que alcançamos a paz, um dom divino, um presente, que ninguém ou nada po-

derá nos roubar.

Não entendia muito bem todo o enunciado. Estava muito além da sua compreensão ou capacidade de entender. Ainda se afligia com a ideia de escolha, talvez não tanto por ela, mas pela insegurança e vulnerabilidade dos propósitos a orientá-lo. O orgulho muitas vezes o manteve paralisado, e a expectativa de insucesso o fazia debandar e esconder, sempre com o fim de resguardar-se em uma posição segura.

- O que eu preciso?

Antônio pensou, aguardou alguns segundos, e disse:

- A paz vem apenas na liberdade, de se ter todos os caminhos e saídas possíveis, desde as mais simples às complexas, vantajosas e desfavoráveis, fáceis e difíceis, e escolher a única capaz de trazer-lhe o sossego do espírito. Isto não vem de você, mas de Deus. Não pode produzir, deve aceitar. É ele lutando por você e em você, pois não é Deus de confusão; o único capaz de criar em si um novo homem, preparando-o para enfim receber o que ansiava e não era capaz de encontrar, nem realizar.

Aquelas palavras martelavam-lhe... E não pode corresponder ao sorriso franco e sincero do irmão.



PISCINAS

Tito Formoso



Não gosto de piscinas. Gosto, mas não gosto. Gosto, mas não deveria gostar, porque é muito nojento. Por mais que coloquem aqueles produtos químicos fortíssimos, capazes de alterar o DNA das pessoas, por mais que façam a filtragem da água por decantação, que passem a redinha, que limpem as bordas com uns paninhos, continua sendo uma porcaria danada.

Imagine que tem gente que não toma banho ou não se higieniza direito (com papel higiênico ou ducha, vale dizer) e entra na água assim mesmo. Tem gente que cospe aqueles catarros verdes, que faz o número 1 e até o número 2 dentro da água, só para sacanear com os demais usuários. Gente doente. O mundo está cheio deles.

Estava em um hotel, na semana passada, e evitei entrar na piscina, pois lá havia uma velhinha que me olhava com uma certa insistência, e estava bem quieta, na borda oposta à minha. Velhas paradas na piscina, quando dão uma balançada no corpo e fazem alguns movimentos rápidos com as mãos, é porque estão aliviando a bexiga.

Logo depois entrou uma mulher que tinha umas nádegas descomunais. Parecia um elefante, e se movia que nem um. Não estou sendo preconceituoso, mas mulheres assim não se dão ao trabalho de sair para ir ao banheiro e fazem o serviço ali mesmo, na água. Quando a piscina é aquecida e coberta é muito pior, pois os vapores dos ácidos úricos ficam se retroalimentando por muito tempo naquele am-

biente, as gotas se formam no teto e voltam a infestar a piscina. Também fuja de piscinas que tenham crianças, pois são um perigo. No condomínio em que morei, um imponente resort de luxo, um mistério rondava a área de lazer: de tempos em tempos, aparecia na piscina externa, aquecida, um vergalhão fecal de proporções apocalípticas, o que obrigava a administração a interditar, esvaziar e chamar uma empresa especializada em desinfecção, serviço que ficava caro e estava impactando as taxas condominiais. Um morador resolveu, por conta própria, desviar o foco de uma das câmeras do parquinho das crianças para a piscina, mesmo diante dos possíveis protestos das mulheres feias que poderiam alegar que ficariam vulneráveis às ações dos taradinhos de plantão (porque os moradores podiam acessar todas as câmeras por um aplicativo do smartphone), e não demorou para constatarem que o autor era um menino de uns 12 anos que morava na cobertura, e que de tempos em tempos deixava a sua piscina particular para “baptizar” a que era utilizada pelos demais moradores.

O pai dele ainda ameaçou processar o condomínio, mas acabou se mudando, tempos depois. E nunca mais tivemos aquelas “surpresinhas” na piscina.

Quero deixar claro que não sou velhofóbico, gordofóbico e muito menos kidsfóbico (esse termo fui eu que inventei), mas assevero que se encontrar alguns desses personagens em uma piscina, FUJA!

EVOLUÇÃO

OU INVOLUÇÃO?

Darwin criou uma nova religião, quando determinou que as espécies evoluem, contrariando o criacionismo, que parte do pressuposto de que todos os seres foram elaborados por Deus, quase simultaneamente, em seis dias. De acordo com a teoria darwiniana, ou por alguns de seus seguidores, não sabemos ao certo, em determinado momento houve no universo uma espécie de “explosão”, que ganharia o nome de “Big Bang”, e os elementos químicos começaram a se combinar, dando origem ao universo, às estrelas e aos planetas, sendo que alguns teriam reunido as condições adequadas para a criação da vida, com a mistura entre cianeto, amônia, dióxido de carbono e α -cetoácidos, que proporcionaram o surgimento do primeiro ser, até então unicelular, que depois foi se dividindo e se subdividindo dezenas, centenas, milhares de vezes, dando origem, de forma aleatória, às plantas, aos vermes, aos peixes, às salamandras, aos sapos, aos lagartos, ao ovo e à galinha, aos mamíferos, aos macacos, até chegar no homem, mas algumas dessas subespécies foram ficando perdidas ao longo do caminho, enquanto outras seguiram diante, se transformaram em outros bichos esquisitos e atualmente todas convivem desarmoniosamente, com exceção dos dinossauros, que se deram mal por causa de um grande meteoro que caiu na terra, ou por um vírus que os exterminou, ninguém sabe afirmar ao certo.

Mas os poucos dinossauros que sobraram viraram pássaros que hoje podemos ver voando por aí, sem maiores perigos, com exceção dos pombos, que ainda fazem suas vítimas nas praças.

Se Darwin estava certo, se acaso formos refletir mais profundamente, podemos dizer que o homem não é descendente do macaco, mas dos platelmintos, e isso explica por que algumas pessoas são tão chatas.

Mas não podemos negar que, de certa forma, a evolução existe, pois se resolvermos analisar as fotos de nossos antepassados, veremos que somos bastante diferentes de nossos bisavôs, pois estamos mais bombados, as mulheres se parecem com homens e os homens se parecem com mulheres.

Contudo, a coisa não para por aí: estamos vivendo uma situação reversa, em que pessoas, apoiadoras da diversidade passam a exigir os seus direitos, não só com relação à mudança de sexo, de serem o que quiserem, e já vemos gente transitando pelos shoppings e ruas da cidade como se fossem cachorros, gatos ou cavalos, e em breve poderemos conviver com um processo de involução, com a re-aglomeração das células até novamente nos tornarmos seres unicelulares, quando se dará o “Big Crunch”.

..

· Este texto não tem a pretensão de alcançar o cunho científico, mas apenas ser um simples humorístico.

OS OLHOS DO CICLOPE

Jorge F. Isah

Stênio era um homem de princípios. Não digo de qualquer princípio, pois existem aqueles que têm por princípio não ter nenhum, ou tê-los segundo interesses e conveniência. Ele era, na verdade, um homem de família, cidadão ordeiro, cumpridor das suas obrigações, sério quando preciso, inteligente quase sempre, e simples quando necessário. Não era dado a arroubos ou ferveores instintivos, salvo quando se tratava de futebol e, em especial, o seu time do coração. Nem mesmo em assuntos de família agia com impulsos e rasgos fortuitos e inconvenientes; jamais abandonava a eutimia e ânimos de um cenobita. Fosse no trabalho, na rua, em trânsito ou domicílio, seus valores não eram conspurcados por nada ou ninguém. Era sempre irreduzível e, salvo um caso a merecer piedade ou compaixão, momento capaz de atenuar e alquebrá-lo, não havia dinheiro, autoridade ou interferência a fazê-lo abandonar os viscerais predicados... O fato de sempre a abrir mão, minimamente, em casos justificáveis, representava uma batalha interior, a resistência somente capaz de ceder aos infortúnios e dissabores alheios: podia rapidamente tirar a camisa ou sapatos para suprir as necessidades de alguém, e significasse ferir sua inexorável seminudez. Nestes raros momentos despia-se da moderação sem remorsos.

No trabalho, era alvo constante de piadas e cochichos, como se diante de um extraterrestre. A excentricidade e o pouco-caso a dar para os aspectos banais e chulos dos colegas trazia consigo algo de inveja, raiva e melindres. O fato de ser exemplar em quase todos os contextos, de balizar o profissionalismo nas relações com clientes, chefes e correligionários, sem muxoxos, irritações e futricas, fazia-o levar a pecha de puxa-saco e traidor. Certa vez, ao ser acusado por uma colega, depois de repreendida pelo diretor, diante do erro a evidenciar-se em comparação à excelência de Stênio, ela saiu-se com esta após o silêncio constrangedor de quase todos:

- Você é um lambe-botas, Stênio!

Stênio imperturbável, continuou a sua rotina tão logo o chefe abandonou a sala, sequer levantou as sobrancelhas; e acabou por irritar ainda mais a mulher.

- Não finge de sonso!! Estou falando com você, seu merda!!

Aproximou-se da mesa e bateu sobre o tampo.

PARTE I

- Eu te odeio!

Os gritos eram comedidos, gastos mais na performance corporal do que vocal, nos gestos e salamaleques, dentro do mais possível controle da ira, de tal maneira a não deixar o som ultrapassar as superfícies e vazar aos exteriores.

Ergueu os olhos, contendo-se, e indisposto ao conflito. Limitou-se a dizer, em um tom de voz plácido e límpido, mas definitivo:

- Me deixa trabalhar...

Voltou-se ao monitor e teclado, às planilhas e relatórios, sem qualquer oscilação, fleumático e sereno, como se nada acontecera. Aquilo a deixou indecisa, pois, diferente dela e dos demais colegas, Stênio não era emocionalmente instável, de gestos ruidosos e decisões súbitas. Pensou em cuspir-lhe, espalhar os apetrechos sobre a mesa, chutar-lhe a canela ou gritar-lhe ao ouvido, mas sabia-o inútil, diante da inquebrantável personalidade do “homem de gelo”. Sim, esta era uma das alcunhas de Stênio, entre tantas: judas, fascista, ditador, e outras menos votadas, espalhadas por detrás de portas, entre sibilos e risinhos vulgares.

Alto, atlético, de traços simétricos, vasta cabeleira castanha a chegar-lhe no limite da fronte, voz levemente rouca e aveludada, era o objeto de desejo das secretárias e chefias do alto escalão. Entre os seus pares, era visto pelos homens com desdém, mas as mulheres, salvo raríssimas exceções, almejavam um drink ou jantar à luz de velas, ainda que dissimuladamente. A maioria agia também com medeixes, como a raposa a desprezar os cachos de uvas pela impossibilidade de alcançá-los. Houve casos de constrangimento entre algumas delas, e passaram a chamá-lo de esnobe e nariz empinado, enquanto os homens, a boca miúda, esfregavam as mãos ao rotulá-lo de “menininha”, “idiota” ou “baitola”.

- O que pretende fazer hoje à noite?!

Disse, certa vez, a novata: loira voluptuosa, secretária do vice-diretor corporativo, insinuando-se deslavadamente.

- Vou jantar com a família... depois, jogar “Banco Imobiliário”.

Não havia qualquer jactância ou vilipêndio na resposta, era algo natural e orgânico, como não furtar, enganar ou escovar os dentes. Aquilo era ele, e ele era assim: de uma sinceridade lisa, desenrugada, sem vinco. Inicialmente, não atinou para as intenções da secretária; somente depois de ver estampado em seu rosto a surpresa e abandono, deu-se conta da situação. Poderia tentar corrigi-la, minimizá-la, mas nestes casos a emenda sempre saia pior do que o soneto. Era melhor deixar como estava e fingir-se palerma ou excêntrico. Na verdade, o achavam uma coisa ou outra, e havia aqueles a afirmar as duas. Despediu-se com um sorriso e dirigiu-se o mais rápido para o estacionamento.

Houve outras tentativas, até mesmo assédio da parte de superiores e superiores. Ele a tratar tudo com a costureira parcimônia e modéstia, mesmo diante dos apelos mais resolutos e intensos. Tergiversava, na maioria das vezes, mas quando o cenário se tornava boçal e rude, não se esquivava a dizer com todas as letras quem era:

- Sou de uma única mulher, e de mais ninguém.

No primeiro ano, foi à comemoração de Natal da empresa, a levar a esposa e o casal de filhos. O clima de festividade e confraternização não foi suficiente para refrear as costureiras indelicadezas de olhares e dedos; em certo momento levou a esposa a perguntar:

- Por que cochicham e apontam tanto para nós?... Será que estou mal arrumada?

- Não querida, você está linda, como sempre! Não se preocupe com eles...

Respondeu, a voz indefectível de barítono, suave e acolhedora, enquanto acariciava delicadamente o antebraço da mulher.

Depois da experiência frustrante e dos brinquedos sorteados não serem amealhados pelos pupilos, decidiram não mais comparecer nos anos subsequentes, e isso fez aumentar ainda mais o ressentimento entre os fâmulos.

Houve quem dissesse, no dia fatídico, não parecer normal: havia um quê de melancolia e distração na personalidade traquejada e aplicada aos afazeres laborativos...

- O homem de gelo está estranho, hoje.

- E quando não está?!

- Acho que esconde algo... tem uma carta na manga... Deve ter arrumado outro emprego...

A maledicência espalhou-se e não se falava outra coisa: Stênio trocaria de empregador. Alguns, em princípio, sentiram-se aliviados, afinal, o seu caráter austero não era bom para ninguém, pois a competição se tornava extremamente injusta. Outros, conjecturavam quanto ganharia a mais, qual cargo desempenharia e coisas do gênero a sugerir ascensão na carreira. Seja por um ou outro, o cerne de tudo era sempre a inveja e a impossibilidade de qualquer deles ao menos se aproximar da sua competência e talento. Nem mesmo os ataques mais vis e sórdidos eram capaz de tirar-lhe do prumo, de fazê-lo perder a fleuma e equilíbrio. Isto, muito além de qualquer de suas virtudes, era o verdadeiro calcanhar de Aquiles da equipe, sempre às voltas com a própria irrelevância e futilidade... Stênio não era gênio, talvez em vários aspectos fosse medíocre, mas superava as deficiências e fraquezas com a reflexão sincera, sabedor de as possuir sem que, como os demais, se orgulhasse do que não era para não ser o que deveria. Mais do que outro, sabia onde precisava melhorar, em que grau chegar, não em busca de uma perfeição impossível, ser reconhecido ou ganhar olhares beneplácitos, mas amadurecer e aperfeiçoar-se naquilo possível; não tinha ilusões ou pretensões

megalômanas, de tornar-se o último biscoito do pacote. Via a necessidade de polir-se, eliminar pecados e vícios, e se tornar melhor marido, pai e funcionário, amigo e cidadão, não nessa ordem, mas sem fugir dela, e conferir-lhe alguns retoques... Sabia estar no mundo onde os vícios superam as virtudes e, por isso, estas eram quase sempre desprezadas em favor daquelas, numa espécie de obsessão patológica pelos erros e desvios, a inversão completa de valores, objetivos e nexos das coisas. Não raro via-se aqui e acolá, um e outro se exaltar no fracasso, no desregramento, no caos moral, ético e emocional; e o escárnio iminente a qualquer um excluído desse grupo. Era, via de regra, a condição de Stênio. Ao não se deixar subjugar por seus pecados, apetites e caprichos era hostilizado na guerra travada não por si ou em si, mas exclusivamente pela equipe, às voltas com as inquietações típicas dos malogrados e obtusos. Ao contrário de Stênio, preocupado consigo mesmo e com os outros no limite da sensibilidade, os demais gastavam-se em olhares, beicinhos, crisar pálpebras e sobancelhas, retorcer lábios, risos levianos e precipitados, como se fossem frutos de análises buriladas e reflexões genuínas, e a esquecer as próprias figuras desairosas e claudicantes... A seriedade e resistência do homem de gelo tornava-os ainda mais conhecedores da vida alheia, em suas percepções hipotéticas e artificiais, e incógnitos a si mesmos, no não disposto a investigar e naquilo a se esconder. Nessa luta, não se metia. Deixava-a a cargo de suas imaginações estabanadas, devaneios mistifórios e o falatório de alcova, descansado da inutilidade de salvaguardar-se: se achavam a navegar no mesmo barco à deriva; entretanto, o dele estava em correção de rota e, a depender de si, jamais iria a pique.



Já fui um especialista em fazer maus negócios. Tudo era feito com a intenção de economizar, com a compra de produtos de “segunda linha”, os “xing-lings”, que podem custar a metade do preço, mas que duram dez vezes menos. É claro que já fui várias vezes no Shopping Oiapoque, em Belo Horizonte, que é uma versão mais acanhada da Rua 25 de março, em São Paulo, lugares onde, não raramente, somos atendidos por gente que usa tornozeleira eletrônica. Coisas da moda.

Antes da existência desse shopping, em Belo Horizonte, os negócios se concentravam nas Avenidas Paraná, Olegário Maciel, Ruas Carijós, Tupinambás e Curitiba, e lá era possível encontrar de tudo, principalmente mercadorias roubadas, e era comum o sujeito ser assaltado no centro da cidade, esperar meia hora ou pouco mais, e depois encontrar o seu produto à venda em alguma das bancas.

Mas os meus maus negócios não se restringiam a pequenas bugigangas. Em minhas diversas viagens pelo país, costumava escolher pousadas ou hotéis mais baratos, para economizar. Na maioria das vezes, significava prédio velho, sem elevador, iluminação precária, atendimento deficiente, café da manhã horrível, toalhas miseráveis, banheiros sujos e roupas de cama mal lavadas.

Lembro-me especialmente de um desses estabelecimentos, em cujo banheiro havia um box de acrílico encardido, que era tão apertado a ponto de não ser possível a um anão se abaixar para lavar os pés, e o chuveiro elétrico mal conseguia esquentar a água no inverno, que pingava uma gota gelada bem no meio, mas eu aceitava tudo isso, calado, porque achava que era o que o meu dinheiro podia pagar.

Certo dia, irritado com o vaso entupido que não vinham consertar, além da lâmpada queimada no quarto que, mesmo cobrando



várias vezes, não trocavam, resolvi fechar a conta e encontrei um hotel bonito, grande, que ficava a poucas quadras adiante. Estava tão revoltado que prometi a mim mesmo que pagaria o quanto fosse necessário, mas acabei surpreendido, pois esse custava pouco mais de 10% do preço do outro, com o diferencial de que tinha piscinas, academia, saunas, o café da manhã era ótimo e o ar-condicionado não fazia barulho de geladeira velha. Daí em diante, passei a pesquisar muito mais, até encontrar os que atendem os quesitos mínimos de qualidade e conforto.

Existe um outro item que não economizo mais: calçados. Perdi a conta de quantas vezes tive que encarar terríveis bolhas nos pés só porque escolhi o mais barato. Hoje em dia, chego na loja, escolho o mais bonito, experimento, tiro o cartão de crédito e nem pergunto o preço. Mentira: ainda escolho o melhor entre os mais baratos, mas já é uma evolução. Imagine se vou pagar um salário-mínimo vigente no país, ou mais do que isso, por um par de tênis ou um sapato casual? Jamais! Nem pensar.

papo **CRISTÃO**

por Michel Salomão

Um cristão não precisa ser aquele bicho esquisito e sem graça com quem não se pode tocar em determinados assuntos e muito menos brincar, pois as pessoas pensam que essa espécie rara não possui o mínimo senso de humor e que para ele tudo é proibido.

O cristão lê a Bíblia, é verdade, mas não fica o dia inteiro por conta disso, pois tem outras coisas para fazer. Ele tem que trabalhar, cuidar dos filhos, arrumar a casa, fazer compras, cozinhar, lavar e passar roupas; usa as redes sociais, assiste filmes, lê livros, vai ao shopping, faz caminhadas, pratica esportes, torce para o seu time, vai à piscina, viaja, vai à praia, escuta e conta piadas, e a sua vida não é tão sem atrativos assim, mas em todas as situações mantém o seu senso crítico, evitando o que pode ser nocivo à sua saúde física e mental, mas, principalmente, o que for ofensivo a Deus.

Ah, já ia me esquecendo de dizer que cristão que é cristão de verdade não enche a cara com bebidas alcoólicas (a maioria nem bebe: quando muito um vinhozinho de leve), e não utiliza drogas ilícitas. Você não há de ver um autêntico cristão num boteco, trôpego, gritando “garçon, mais uma saideira!”, ou em um canto escuro, sussurrando “vou apertar, mas não vou acender agora”.

Um bom cristão não frequenta lugares suspeitos, não se envolve em jogatinas e não cultiva o hábito de falar mentiras. Uma mentirinha ou outra até vai, como quando a mulher pergunta se está gorda, ou se a roupa ficou bem em seu corpo, e ele diz que “não” e “sim”, nessa ordem (não pode confundir), mas depois pede perdão a Deus, até aprender a não mentir mais.

Enfim, é uma pessoa normal, que luta diari-

amente para que o bem se sobreponha ao mal, buscando ser bom, honesto e generoso. Mas saiba que ninguém é de ferro, e o cristão pode errar, perdendo a paciência com gente chata e inconveniente e, em uma situação extrema, pode mandá-las para “aquele lugar”, mas nem por isso você poderá dizer que ele estava fingindo, que não era cristão, pois errar é humano e ele estará sempre tentando se corrigir, enquanto os outros nem se esforçam.

Ah, mas o cristão tem que amar o próximo. Aí lascou! Qual é o maior dos mandamentos? – perguntaram a Jesus. “Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; este é o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Marcos 12:30-31).

Quanto ao primeiro mandamento, até que é moleza, pois tememos a Deus, com medo de que Ele jogue um raio em nossas cabeças, mas quanto ao segundo, aí complicou tudo: como amar gente que é como a gente, cheia de defeitos, principalmente se o próximo for muito coisa ruim, ou pior, um criminoso?

A melhor definição que escutei a respeito de quem seria esse próximo foi feita pelo pastor de uma pequena igreja do interior do Paraná, que assim ensinou: “o próximo é aquele que não está longe da gente”. Assim fica muito fácil: se quero ter liberdade para odiar o próximo, só preciso sair de perto dele.

Brincadeiras à parte, é preciso dizer que Deus era bem mais enérgico nos tempos do velho testamento, e mandava extermi-

nar povoados inteiros, inclusive mulheres, velhos, crianças, pois sabia que, quando crescessem, seriam cretinos que nem os seus pais. Mas depois percebeu que de nada adiantaria essas ações, pois a natureza humana é má, e assim teria que ficar eliminando todos os povos, até não sobrar um único humano na terra.

Foi aí que resolveu enviar Jesus Cristo, que entre outras ações milagrosas, nos exortou a sermos cristãos autênticos, não só da boca pra fora, e a termos nossas vidas transformadas.

Um cristão de verdade você conhece de longe, tem um brilho diferente, está sempre feliz, e é por isso que muita gente acha que é bicho doido ou que é bobo de dar dó. Ele precisa ser mais forte do que as pessoas comuns, para não ceder às tentações e às provocações, mas isso não é nada fácil. A maioria desiste no meio do caminho, e assim muitos podem ser barrados na porta do céu, como está escrito em 1 JOÃO 2, que diz que “eles saíram do nosso meio, mas na realidade não eram dos nossos, pois se fossem dos nossos, teriam permanecido conosco; o fato de terem nos abandonado revela que nenhum deles era realmente dos nossos”.

Contudo, ninguém é capaz de afirmar quem é ou não um cristão de verdade. Quando chegar a hora, o único a dizer será Jesus: “você entra, você não”. Tem muita gente que poderá ficar surpreso quando for barrado, ou verificar que aquela pessoa que considerava “perdida” vai passando tranquilamente pelo portal.

Importante nos lembrarmos da passagem de Mateus 22:14, que diz que “muitos são chamados, mas poucos são escolhidos”. Quantos seriam chamados? Milhões, bilhões, trilhões? E quantos seriam os escolhidos: dezenas? Poucas centenas? Você acha mesmo

que vai ser moleza, da forma como propagam esses coachs do mundo gospel? Não são as obras, como ajudar velhinhas a atravessar as ruas, que garantem a salvação, mas amar a Deus e seguir os seus mandamentos. Tem coisas que os homens fazem e que Deus abomina, mas eles não estão nem aí. E depois ainda vão reclamar.

O problema é que uma expressiva parcela de religiosos que se creem salvos afirma que os mandamentos, juntamente com todas as leis judaicas, foram revogados com a morte de Jesus. É certo que os sacrifícios de animais foram suprimidos pelo próprio Mestre, assim como uma série de rituais exóticos adotados pelos judeus caíram em desuso. Mas aí de quem falar que, seguindo essa linha de raciocínio, os dízimos e as ofertas passaram a não ser mais exigidos. Vão ouvir muitos pastores, os mesmos que defendem a “liberação geral” vociferando que “vocês roubam a Deus”, citando Malaquias 3:8-12.

Muitos não entenderam que a missão de Jesus não terminou com a sua morte e ressurreição. Em Mateus 28:18-20, Ele disse, após ter ressuscitado: “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos.”

Lembrem-se que Jesus havia dito, textualmente: “não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra” (Mateus 5:17). E o que significa isso? Significa que Ele vai voltar! E se você achou que estava tudo liberado, se deu mal...

você não tem ideia de como é barato anunciar aqui

coluna do nelson TRAMONTINA



corte rápido

Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus “cortes rápidos”, respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita se vai chover ou fazer calor.

Nelson, eu tenho um vizinho que não me deixa dormir, pois resolve fazer aulas de trompete na varanda de seu apartamento após as 23 horas. Se eu atirar nele, posso ser preso?

Acredito que não, pois, afinal, você não tem a obrigação de gostar de jazz.

Moramos nos fundos da casa de minha sogra e não pagamos aluguel, e ela pensa que por isso tem o direito de entrar em nossa casa a todo momento, dizendo que sou um vagabundo e inútil. O que faço?

Você deve concordar com ela, pois se ela entra em sua casa a todo momento e você está sempre lá, é realmente um vagabundo e inútil.

Nelson, eu gosto de meninos e meninas, mas a minha noiva insiste que eu tenho que me decidir. O quê você acha disso?

Você é um pedófilo que gosta de diversificar. Quem sabe se optasse por homens e mulheres seria uma escolha mais razoável, a não ser que queira ser linchado pela população.

Apaixonei-me por um rapaz pobre e os meus pais não aceitam de forma alguma, e querem que eu termine o namoro. O que me aconselha?

O seu sobrenome é Richtofen?

Nelson, estou desempregado, minha esposa me largou, os filhos foram embora com ela e não querem me ver. O meu dinheiro acabou, os agiotas começam a bater na minha porta, mas finjo que não estou. O que faço?

Morra!

Sou virginiano e minha namorada é escorpiana: você acha que pode dar certo?

Com base nos prognósticos astrológicos, é bem possível que você acabe tomando uma picada mortal.

Nelson, não acredito que o homem foi à lua, e aquelas filmagens foram feitas em estúdio. O que você acha?

Acho que você tem razão. Da mesma forma, acho que o Brasil não foi descoberto, e você deveria estar andando nu pelas florestas.

Eu tenho uma condição rara que se chama polidactilia, que consiste em ter seis dedos em cada mão, e isso me deixa bastante constrangida. O que você me aconselha a fazer?

Faça aulas de piano. Será um sucesso!

Nelson, tenho 18 anos, sou bonita e tenho um corpo sensual. Quero muito entrar para a tv. Como acho que devo me preparar?

Treine bastante no sofá de sua casa.

Moro no Rio de Janeiro e estou em dúvida se compro um carro conversível para poder andar pelas ruas desta cidade maravilhosa.

Tanto faz. Vai ficar sem ele em pouco tempo.

ENVELHECIMENTO

As pessoas frequentemente confundem “amadurecimento” com “envelhecimento”. Maduro é o elemento que está pronto para espalhar suas sementes, enquanto velho é aquele que passou do ponto, que começa a murchar, até apodrecer. Calma! Estou falando de frutos. Sobre gente como eu e você vou falar a seguir.

O envelhecimento, entre os humanos, deveria ser um período de aquietação, com a redução da competitividade e da busca desenfreada por expandir os próprios limites. Deveria ser um período de descanso, mas não é assim que funciona para grande parte das pessoas que envelhecem, e com isso ficam frustradas e doentes.

As pessoas do meu convívio, na maioria dos casos, envelheceram mal. Muitos morreram precocemente, e as restantes tornaram-se amargas, tristes, derrotadas, doentes da cabeça. Apegaram-se à beleza da juventude, ao vigor físico e não assimilaram as transformações que a natureza nos impõe.

Jogar futebol era uma das coisas que eu mais gostava de fazer. Podia até não ser necessariamente bom, pois era muito alto para os padrões da época, além de magrelo e desajeitado. A primeira vez que ganhei de presente uma bola de futebol, de couro, novinha, passei a dormir abraçado com ela. Acordava cedo e ficava olhando pela janela para ver se aparecia algum menino na rua, para jogar um “gol a gol”, ou só para fazer um “controle” ou umas “embaixadinhas”. Assim que voltava para casa, passava um pano úmido por toda a superfície de couro, para tirar a sujeira, e a colocava em um lugar seguro.

Assim que vieram as primeiras dores nos joelhos e nos calcanhares, quando comecei a perder o fôlego com maior frequência, abandonei definitivamente o esporte. Isso deve ter sido lá pelos 40 anos, não mais do que isso, estava cerca de trinta quilos mais pesado e entendi que era hora de parar. Não

queria ficar igual àqueles velhos que via jogar nos finais de semana, estacionados no meio do campo, apenas distribuindo um ou outro passe.

O meu prazer era disparar pela esquerda, ir até a boca da área e meter um canhão de canhota, quase furando a rede. Com o tempo, porém, fui perdendo a potência do chute, além de ser facilmente alcançado pelos adversários, alguns de muletas e outros de cadeira de rodas, porque frequentemente jogávamos com entidades beneficentes, e assim decidi que não iria mais passar essa vergonha.

Guardo a lembrança do velho Fritz, um vizinho que morava em uma pensão que ficava pouco próxima de minha casa. Ele era alemão, tinha uns olhinhos azuis espertos, e adorava ficar contando histórias para as crianças. Ao entardecer, ele levava o seu banquinho para a frente de um lote vago que ficava na esquina, e a garotada se ajeitava ao seu redor, maravilhados com as suas fábulas. Eu não me lembro de nenhuma, mas só sei era bom ficar ali, até que as nossas mães nos chamassem para tomar banho e jantar.

Eu queria ser um contador de histórias como ele, mas os tempos mudaram, as pessoas se isolaram, o medo da pedofilia ronda o universo infanto-juvenil, e por enquanto só é possível cumprir a tradição oral através da internet, até que a Inteligência Artificial venha substituir definitivamente essa função.

Por hora, restrinjo-me a escrever as minhas impressões de vida em meus livros e revistas, até que caia definitivamente em desuso o hábito da leitura entre os humanos.

Quero escrever as minhas coisas até o último suspiro, ditando palavra por palavra a um atento auxiliar, mas não posso garantir que as impressões desse velho escritor despertem o interesse das novas gerações.

DIÁRIO DE UM sujeito

Helvécio S. Pereira



Quando você pensa que há um limite lógico, razoável, metafísico para algo; quando se pensa seriamente que as atuais condições não permitem o domínio de certas inverdades; quando o mundo do faz de conta supera em muito o real e verdadeiro, e as mentiras germinam como ervas daninhas, não me sobra outra atitude a não ser implorar que, ao menos, as novas falácias e invencionices sejam criativas... Ria ou chore! Ou ambas, na ordem que preferir! O que importa são as “emoções que vivi” e o resto a história não conta.

Recentemente, uma “influencer”, ocupação que não exige formação ou informação alguma, a não ser a costumeira, insolente “cara-de-pau” e a ética a escoar célere ao esgoto (atividade que supera outras ocupações milenares como o meretrício), postou fotos na internet com bandagens no nariz e um

sorriso meio oculto por tubos, curativos e sondas. Logo, se lia a explicação: “Acabei de fazer a tão sonhada rinoplastia e, assim, os meus filhos nascerão com narizes bonitinhos e perfeitos!”.

Onde estamos, meu Deus?!... Maldita hora em que o homem abandonou as selvas e árvores, e começou a riscar paredes nas cavernas, pois, por causa deles, hoje temos o falatório desenfreado, e pichadores por todos os lados, a considerarem-se revolucionários e artistas...

Mas essa se superou! Nem no longínquo Egito ou outra civilização extraterrestre, alguém supôs tamanha barbaridade, dita com a cara mais limpa do mundo (ops! Não deu para ver a cara, mas você entendeu, certo?)... Ela é uma das sobreviventes do ensino brasileiro: nove anos de educação básica e o enfadonho ensino médio, para, depois, sair com suas “pérolas” a ganhar muito dinheiro...

Seguindo o seu raciocínio, talvez a laqueadura seja a única opção de garantir menos idiotas por aqui. Já que a linha de montagem está em franca produção.

Eu iria falar sobre outro assunto... Como gentileza aos editores desta conceituada revista, generosos que são em convidar e me aturar todos os meses... Claro, tenho os meus méritos, afinal, boa parte dos gatos pingados que se aventuram por

aqui são atuais ou ex-alunos, não dispostos a aumentar o seu conhecimento e a treinar o senso crítico, mas em pegar algum dos meus deslizes (os tolinhos acham mesmo que sou capaz de cometê-los...) e espalhá-los em suas redes, sempre exagerando e distorcendo minhas palavras, num nítido e claro atentado à democracia. Eles são assim, não se cansam de passar vergonha... Entretanto, o assunto não é sobre a massa ignara dos bancos e carteiras escolares. Ocorreu-me que somos papagaios! Sim, aquela ave singular, simpática, com personalidade que ainda sonho ter um dia (não a personalidade mas a ave, diga-se), mas em apartamento é bem provável o bicho ficar mais passional que a minha mulher, e começar a falar com mesma liberdade de expressão que há ainda nos EUA!... Pois aqui, só mesmo lá em casa. Certa vez, ao visitar uma residência, notei haver um papagaio inteligente e com personalidade. Por sermos próximos à dona da casa, ao entrar diretamente pela porta lateral, em um beco, demos de cara com o “verdinho” na esquina, nos fundos. Ao ver-nos, o pássaro bradou:

“Boa tarde! Aceitam um café?”.

A frase certamente pronunciada inúmeras vezes pela dona aos visitantes. É óbvio que o bichinho sabia e inteligentemente relacionou visitas a café. Levamos um susto! Havia poucos dias, meu neto de dois anos e sete meses, ao passar pelo apartamento, viu um retrato pintado da Rose na parede, e disse de chofre: “Vovó!”

Então, o que isso tudo tem a ver com sermos todos “papagaios”? Convido-o à reflexão, e a provar que não ou reconhecer humildemente

que sim!

Vamos à ilustração: Eu e você mostramos firmeza ao falar sobre o átomo, entre outras coisas. Já parou para pensar que nem numa vida inteira, por nós mesmos, jamais chegaríamos a tais conclusões e a tal modelo? Estou me referindo a cada um de nós como indivíduo. Claro, sempre houve e haverá os que chegam a esta intuição, algo concernente apenas à sua individualidade e que, com o do tempo estende-se à sociedade ou cultura, primeiramente como mito ou religiosidade, devido a algum alucinógeno, algo fortuito, um engano, ou a busca incessante e obstinada! Nem o seu melhor e mais qualificado professor de física viu caralho algum! Mas é chique demonstra sapiência e uma pueril superioridade de saber das coisas que, por nós mesmos, nunca saberíamos! E, no final das contas, de maneira geral, pouco ou nada mudaria o dia a dia; pois estamos dispostos a aceitar prontamente até mesmo o que não importa ou seja útil... Que tal um cafezinho?

este é o autêntico Helvécio S. Pereira



SPOILERS

O MUNDO DEPOIS DE NÓS

Um monte de gente já escreveu sobre esse filme da Netflix, lançado no final do ano passado, e não encontrei um só que falasse bem, sendo que, por este motivo, para não contrariar a galera, também vou descer a lenha, pois o filme tinha tudo para ser bom, mas é ruim. Fico com muita raiva disso. Por que não me consultaram antes de fecharem o roteiro? Eu poderia dar uma melhorada nele.

Júlia Roberts está sem maquiagem, ou quase, e isso deixou muita gente perplexa, como se não soubesse que as pessoas envelhecem. Afinal, está com 56 anos, mas ainda está bem na fita, apesar de que esse não é o quesito em julgamento: o roteiro deixa muito a desejar. Como disse, eu teria feito uns ajustes e não cobraria muito por isso. Perderam a oportunidade.

Mas vamos ao filme: fala sobre uma catástrofe sem precedentes, por causa da ação de hackers que “desligaram” a internet do mundo ocidental, dos EUA mais especificamente. Imagine o desespero que isso iria causar. O problema é que o roteirista, o diretor e os produtores, mais especificamente



estes últimos, que sempre interferem nos resultados, muitas vezes tornam o filme uma bosta, ao enveredarem por um caminho muito esquisito, não concluindo as polêmicas que levantou, como a questão do racismo, do consumismo, do vício em tecnologia, não chegando a lugar algum.



A personagem interpretada por Júlia Roberts é fútil, o marido (Ethan Halke) é um bundão e os filhos são uns adolescentes chatos. Até aí nenhuma novidade, pois representa a grande maioria da sociedade ocidental, pois o mundo entrou em um caminho sem volta rumo à destruição, e uma paralisação geral da internet pode, realmente, trazer consequências catastróficas.

A cena dos carros elétricos da Tesla



sem condutores, se chocando um atrás do outro em uma estrada pode ser algo impactante para Elon Musk, mas não para a maioria das pessoas do mundo, que nem sonham em ter um. A cena do transatlântico encalhando na praia também poderia ter sido mais bem explorado, mas nem chegou a chocar muito. O mais impressionante, contudo, foi a cena dos veados (bichos) se aglomerando no quintal da casa da família, sem qualquer explicação, e talvez a intenção tenha sido mostrar as possíveis manifestações dos viados (gente) diante de uma sociedade opressora e decadente.

A filha do casal é uma menina feia e nerd, obcecada pela série Friends, mas a família viaja exatamente no dia em que seria transmitido o seu último episódio, e por isso a menina estava inconsolável. E o filme termina assim, com a menina entrando em uma locadora de filmes onde está disponível o vídeo que ela tanto deseja.

